

NÃO É BEM ASSIM

O Datafolha mostra que o eleitor de Jair Bolsonaro não o acompanha na maioria de suas propostas fundamentais, incluindo meio ambiente e privatizações **EDOARDO GHIROTTTO**



PAULO VITALE

SEM APOIO Rio Negro, no Amazonas: Bolsonaro quer afrouxar a política ambiental e indígena. Seus eleitores, não

JAIR BOLSONARO sagrou-se nas urnas defendendo um programa genérico que costuma ser resumido na fórmula “conservador nos costumes e liberal na economia”. Incluem-se aí o combate a uma suposta doutrinação ideológica nas escolas e a privatização de estatais. A maioria dos 57,7 milhões de brasileiros que votaram no presidente, porém, não o acompanha em muitas de suas posições. Uma pesquisa do Datafolha sobre treze temas

fundamentais revela que em apenas cinco deles o eleitor abraça a posição do eleito: a proibição do aborto, a necessidade de controlar a imigração, o fim da educação sexual nas escolas, a disposição em alistar-se para defender o Brasil em uma hipotética guerra e a não interferência do governo quando há situações de desigualdade salarial entre homens e mulheres em empresas privadas. Em outros temas (veja alguns exemplos no quadro na

pág. ao lado), há discordância. O eleitor do novo governo não acredita, por exemplo, que a política ambiental atrasa o desenvolvimento do país e não quer a redução de reservas indígenas. A pesquisa do Datafolha foi realizada com uma amostra de 2.077 eleitores, entre 18 e 19 de dezembro.

“O eleitor não precisa concordar com todas as propostas de governo de um candidato, mas valoriza tanto determinada característica que acaba

optando por ele”, explica o diretor do Datafolha, Mauro Paulino. De acordo com o cientista político Hilton Cesário Fernandes, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), o antipetismo foi essa característica determinante. “É comum o voto ser contra algum candidato ou algum partido. Já aconteceu em outras eleições”, diz. Nessa hipótese, o voto representa não tanto uma afirmação, mas uma negação: o eleitor teria encontrado em Bolsonaro o nome que com mais firmeza rejeitava o descontrole econômico e a corrupção do governo petista.

A ênfase de Bolsonaro no combate à criminalidade também terá tido seu peso, mas não se segue daí que o eleitor aprove integralmente a receita do presidente para a segurança. “Não tivemos uma discussão de agenda na campanha. E a adesão a certos temas acabou ficando mais restrita ao núcleo duro de eleitores do Bolsonaro”, diz o economista Maurício Moura, da consultoria Ideia Big Data. O Datafolha mapeou o que seria o “núcleo duro” de apoiadores: aqueles que concordam com o presidente em pelo menos nove dos treze temas. A conclusão: o grupo representa só 14% do total de eleitores. É um estrato constituído sobretudo de homens — eles compõem 68% dos bolsonaristas “duros”.

Os evangélicos, uma das principais frentes do eleitorado bolsonarista, não estão majoritariamente no núcleo duro. Na média, também concordam com apenas cinco temas: proibição do aborto, fim da educação sexual na escola, controle de imigração, disposição em defender o Brasil e concessão de ajuda do governo às mulheres que engravidam por motivos que permitem o aborto legal, como o estupro, e não desejam realizá-lo. O auxílio é uma das bandeiras defendidas pela ministra dos Direitos Humanos, Damares Alves. A pesquisa também incluiu uma pergunta mais ampla so-

NA DIREÇÃO CONTRÁRIA

Os eleitores de Bolsonaro discordam da maioria de suas pautas prioritárias...

A política ambiental atrapalha o desenvolvimento do Brasil



O governo deve reduzir as áreas indígenas



É preciso ter menos leis trabalhistas



O governo deve privatizar estatais



...mas estão alinhados com algumas delas

O Brasil deve controlar mais a entrada de imigrantes



Na sua opinião, o aborto deveria:

Ser proibido em qualquer situação.....	43%
Continuar como é hoje	38%
Ser permitido em mais situações	14%
Ser permitido em qualquer situação	3%
Não sabem	2%

bre o aborto. Foi a única, aliás, que comportou mais opções de resposta — os demais itens se dividiam em “concordo” e “discordo” —, dando conta de várias possibilidades de legislação sobre o tema. Nesse ponto, os eleitores do novo governo não só concordaram com sua pauta básica, mas se mostraram até mais conservadores. Quando candidato, Bolsonaro afirmou que não pretendia mudar a lei vigente, que permite o aborto em casos de estupro, anencefalia e gestação em que a mãe corre risco. Pois 43% de seu eleitorado é a favor da proibição total. Os que concordam com a lei atual são 38%.

O Datafolha mostra que eleitores de Bolsonaro e de seu adversário petista, Fernando Haddad, têm avaliações semelhantes, ainda que em gradações diferentes, em relação a onze dos treze temas. Só há dois pontos de discordância: quanto à educação sexual nas escolas (68% dos eleitores de Haddad são favoráveis; 54% dos eleitores de Bolsonaro são contra) e à convicção de que a desigualdade salarial entre os sexos é um problema só das empresas — ideia que recebe a chancela de apenas 35% dos eleitores de Haddad, ante 56% dos de Bolsonaro.

Um dos principais pontos de convergência é sobre a necessidade de tratar de matéria política na escola: 71% dos que votaram no candidato do PSL concordam com a afirmação, e 76% do eleitorado do PT também responde favoravelmente. Embora o Datafolha não tenha apurado que tipo de conteúdo político os eleitores aprovariam em sala de aula, há aqui um indicio de rejeição à pauta, encampada por Bolsonaro, do movimento Escola sem Partido — que deseja extirpar a política da educação, para banir a “doutrinação”. A pesquisa sugere, portanto, que a origem da polarização a que o Brasil assistiu nas últimas eleições não está na divergência de ideias, mas na aversão aos indivíduos ou partidos que as defendem. ■